

[ARTIGO]

**DECORAÇÃO E IGREJA CATÓLICA:
UMA ETNOGRAFIA COM GAYS
DECORADORES EM RECIFE**

Fagner José de Andrade¹
Polyanny Lilian do Amaral Braz²

INTRODUÇÃO

As discussões dentro do campo das ciências sociais sobre homossexualidade, conflitos e Igreja católica é um assunto que de certa forma tem sido bastante refletido por diversas perspectivas através de múltiplos fenômenos (Valle, 2006; Peixoto, 2020). Vale destacar que esses fenômenos por serem distintos é que nos possibilitam fazer muitas leituras do contexto da religião, da homossexualidade e outros elementos que o campo vai nos expondo à medida que o exercício etnográfico percorre seu caminho formal que perpassa pela alteridade como o próprio contexto que as pessoas se inserem e o configuram.

¹ Doutorando em Antropologia pela UFPE. E-mail: vertcad@gmail.com

² Doutora em Antropologia pela UFPE. E-mail: poly_lilian@hotmail.com

Este artigo nasce a partir de uma intensa experiência etnográfica com homens gays³ que atuam em Igrejas na região Metropolitana do Recife e que tem forte atuação pastoral em Paróquias e comunidades, estas estão inseridas no território canônico da Arquidiocese de Olinda e Recife-PE. Entretanto nosso foco não está diretamente vinculado a ação pastoral destes interditos, mas um elemento fundamental que a nosso ver tornou-se um marcador muito bem delimitado é o que concerne ao movimento das decorações/ornamentações de eventos católicos, como missas, casamentos, batizados e procissões, além de outros eventos que são celebrados na liturgia católica e que necessitam da utilização principalmente das flores e objetos litúrgicos diversos.

Através deste contato pudemos perceber que este serviço é bastante necessário e favorece o surgimento de um fenômeno. Este além de arregimentar um trabalho braçal e ao mesmo tempo muito exigente do ponto de vista do refinamento e “delicadeza” nos põe diante de um cenário conflituoso e complexo que abarca categorias como religiosidade, perfil, disputas, homossexualidade e as relações sociais com os sacerdotes que geralmente contratam os serviços dos decoradores. Os decoradores que entrevistamos se afirmam como gays e católicos praticantes, mesmo que muitas vezes não se sintam a vontade para se auto afirmarem como gays, tendo em vista o contexto religioso que ainda não é totalmente receptivo a esta realidade humana e também social.

Este trabalho é resultado de uma pesquisa etnográfica, nela adotamos os pseudônimos afim de resguardar a identidade de nossos interlocutores. Para tanto os nomes foram construídos a partir de nossa interação com os mesmos, estes são de santos católicos que nossos interditos afirmaram ser devotos e ter admiração religiosa por eles, essa ferramenta metodológica que já foi utilizada em trabalhos antropológicos permite que falas sejam expressas sem a possível identificação das pessoas que

³ Tratando-se de um grupo que hegemonicamente nos afirmou enquanto gays, que se relacionam exclusivamente com outros homens.

originaram tal discurso, como abordaremos uma questão ainda complexa para a instituição religiosa e por tocar em assuntos que possam despertar outros desdobramentos que não é a intenção deste artigo.

Nosso estudo foi realizado no auge da Festa de Nossa Senhora do Carmo do Recife-PE 2024. Neste momento grande movimentação de decoradores acontece, atraídos pelo encontro e as sociabilidades que o evento promove em seus dias de realização. Esta festa tem grande importância para este público, primeiro por ser a padroeira da cidade do Recife e também por ser uma excelente oportunidade para também tratarem de decorações/ornamentações, esse acaba se tornando um dos assuntos mais debatidos entre esse grupo que acompanhamos tanto no tempo do novenário através das entrevistas, como na culminância que ocorreu na grande procissão do dia da padroeira que é celebrada no dia 16 de julho.

Nosso foco não está na festividade, nem nas celebrações que acontecem. Apenas a utilizamos como uma ponte de conexão com nossos interlocutores. Sabendo que todo o grupo que tivemos acesso, participa desta festa tanto em alguns dias da novena como na procissão de encerramento. Para nossa compreensão contamos com quatro interlocutores que residem nas mais diversas localidades da Região Metropolitana de Recife, todos com atuação direta em Paróquias ou Comunidades da Arquidiocese de Olinda e Recife. A seguir apresentaremos nossos interlocutores e um pouco de suas experiências como católicos, homens gays e decoradores de eventos da Igreja católica, conflitos e relações. Como foi apresentado anteriormente os nomes utilizados são de Santos que os mesmos cultivam devoção e admiração.

Sebastião tem 29 anos, é formado em Administração e atualmente está cursando radiologia, reside da cidade de Camaragibe, Região Metropolitana do Recife, faz decorações a mais de 10 anos, desde os 14 anos está inserido na Igreja, iniciou a decorar ajudando as “comadres”⁴ na

⁴ Uma forma de tratar das senhoras que atuam na Igreja;

limpeza e na arrumação da igreja. Já teve uns 4 relacionamentos e desde a adolescência se identificou como gay, não é assumido e acredita piamente que alguns Padres para quem presta serviços de decoração sabem de sua condição. Atua profissionalmente tanto em Camaragibe em Paróquias e Capelas, como também em Olinda-PE, mas também já fez trabalhos em Goiana-PE e Jaboatão dos Guararapes-PE.

Expedito, 21 anos, cursando Técnico em Eletrotécnica, residente no Recife-PE, faz decorações a uns 04 anos, está inserido na Igreja desde a infância, já exerceu atividade como coroinha, Pascom⁵ e hoje é vice coordenador de sua Igreja Matriz. Desde os 14 anos começou a entender sua homossexualidade, não tem relacionamento atualmente, não é assumido, alguns Padres próximos sabem de sua condição e suas decorações muitas vezes são por indicação, seu perfil de decoração é popular, não faz cálculo do que já recebeu, seus trabalhos são avulsos, porém fixo exerce esse serviço em 02 igrejas no Recife.

José, 26 anos, estudante de fisioterapia, mora na cidade do Recife, começou a fazer decoração aos 12 anos ajudando a decorar na sua comunidade, mesmo contra a vontade da senhora que fazia esse serviço em sua comunidade de origem. Começou a se perceber como gay pelos 11 anos de idade, já teve relacionamento e mora com os pais, não é assumido, porém muitos amigos e Padres sabem de homossexualidade, atualmente faz seu serviço em aproximadamente 06 igrejas na Região Metropolitana do Recife, porém existem convites avulsos em outras. Sua atuação na Igreja durante esses tempos se mesclou desde coordenador de sua comunidade/capela de origem, legionário, membro do Apostolado da Oração e Sacristão⁶.

Antônio, 24 anos, estudante de gastronomia, reside em Jaboatão dos Guararapes que está na Região Metropolitana do Recife, mora com o pai, começou a decorar por volta dos 10 anos de idade. Uma senhora da capela

⁵ Pastoral da Comunicação.

⁶ Funcionário responsável em preparar a Igreja para os momentos celebrativos, desde a limpeza a organização.

onde participava o incentivou, desde então não parou mais de fazer este serviço em igrejas. Atualmente é responsável por 3 igrejas fixas para fazer decorações, mas desenvolve em outras que o convidam por demandas e esporadicamente. Participa da Igreja ativamente, mas não tem atividade pastoral, faz seu trabalho geralmente em igrejas, casamentos, andores e também já decorou terreiros de religiões de matriz afro. Seu perfil e estilo de decorar é mais tradicional e evita fazer ornamentações “desconstruídas”, ou seja, mais contemporâneas.

O QUE A DECORAÇÃO TEM A NOS REVELAR?

O questionamento surgiu a partir da percepção desses indivíduos e seu protagonismo na constituição dos eventos que são tão fundamentais na prática religiosa católica. A decoração de altares de santos e de Missas, de andores e de espaços outros celebrativos, requerem não só de flores e de outros adornos, mas de uma mão de obra experiente e que consegue desenvolver os mais “belos ornamentos” e estruturas para que esses rituais já mencionados possam ter o que eles mesmos chamam de “dignidade”. Muitos questionamentos surgem com este trabalho etnográfico, evidente que não é possível abarcar todos em um espaço de artigo, mas pretendemos desenvolver aqui uma percepção que garanta a descoberta de um cenário e fenômeno ainda não refletido pelas nossas ciências.

Primeiramente vamos fazer um apanhado desse conflito social que é dado entre homossexuais e Igreja Católica, para entendermos o contexto pelo qual nossos interlocutores caminham ao desenvolver seu trabalho dentro da Instituição. Vale ressaltar que nenhum desses nossos interlocutores que desenvolvem o trabalho com decoração tem vínculo empregatício neste serviço, trata-se de uma relação espontânea, ou seja, não formalizada que é estabelecida entre Padre ou leigos coordenadores com esses que oferecem o serviço, ao passo que por serem católicos inseridos na Comunidade já se tem um vínculo com o ambiente e a hierarquia que os convida a fazer o determinado trabalho de decoração.

Historicamente a pessoa gay é vista dentro da Igreja Católica carregada por marcas dos estigmas impostos, desde a ideia de “pecado” a práticas mais diretas como homofobias e tantas outras formas de discriminação praticada neste ambiente. Isso ocorre ancorado tanto pelo lado das doutrinas e dogmas como pelas tradições bíblicas na interpretação judaico e cristão que abomina qualquer discussão do que tange as questões de gênero, sexualidade ou mesmo temas como ligadas a direitos humanos e diversidade, essas categorias mais do que nunca se tornaram alvo do conservadorismo que imbuído por ideologias hegemônicas estão inseridos em todas instituições, inclusive na Igreja levando nossos interlocutores a viverem uma vida velada no que corresponde a sua sexualidade.

O receio de sofrer represálias individuais soma-se ao medo do rompimento dos laços afetivos que unem fiel, família e congregação. Manter comportamentos contrários à moral do grupo exige estratégias e iniciativas por parte dos indivíduos, consoantes com suas inclinações pessoais e seu desejo de permanecer na comunidade religiosa (Gomes; Natividade, 2006, p.44).

Mesmo com uma “relativa abertura” que existe hoje em documentos da Igreja (Valle, 2006), ainda determinados assuntos geram muitos questionamentos. Percebemos que existem alguns posicionamentos pastorais que se direcionam numa visão mais ampliada e horizontal, principalmente no que tange a sexualidade. Para Peixoto (2020) a Igreja Católica hoje, acaba se deparando com temas que a tem impelido a discutir outros ainda não tratados, talvez nosso esforço aqui tente apresentar um novo fenômeno que ocorre dentro de seus muros, podendo colaborar nessa direção. Mesmo este grupo reproduzindo alguns padrões configurados na sociedade ocidental, patriarcal e heteronormativa que faz com que a Igreja também seja este espaço de “célula” de uma sociedade ancorada nesses mesmos valores que a religião também reproduz.

A Igreja Católica especializada na reprodução de tradições, solidariedades e identidades, torna-se na contemporaneidade impelida a tematizar novas questões, atrair novos atores, publicizar e submeter ao debate temas até então indiscutíveis (Peixoto, 2020, p.165).

O catecismo da Igreja Católica é uma das principais fontes dogmáticas e direcionadoras das chamadas “verdades da fé” da própria Igreja, funciona como um “depósito” da crença, nesta obra o catolicismo ancora suas verdades, sermões e diretrizes, encontramos em seu texto dois parágrafos que tratam especificamente sobre a pessoa gay. Em seu parágrafo 2357 atesta que “ a homossexualidade designa relações entre homens e mulheres que sentem atração sexual, exclusiva ou predominante, por pessoas do mesmo sexo”.

O mesmo texto cita que as possíveis causas ainda são desconhecidas ou mesmo distintas de acordo do ponto de vista cultural. O resto do parágrafo nós identificamos um desdobramento da ideia, baseada na própria tradição da Igreja e nas escrituras que atestam essa condição como contrária a lei “natural”, “desordenado” e depois disso, direcionam o ato sexual ao “dom da vida” e que de nenhuma forma as que fujam destas “verdades” devem ser aprovadas. No Parágrafo 2358 o catecismo afirma que eles devem ser acolhidos respeitados com “compaixão e delicadeza”.

As pessoas homossexuais são chamadas à castidade. Pelas virtudes de autodomínio, educadoras da liberdade interior, às vezes pelo apoio de uma amizade desinteressada, pela oração e pela graça sacramental, podem e devem se aproximar, gradual e resolutamente, da perfeição cristã (Catecismo, 2359, 2011).

No que se refere a região metropolitana de Olinda e Recife, a arquidiocese pouco ou não tem abordado tal dinâmica do ponto de vista institucional. Dentro de suas diretrizes de forma pública, existe um documento que a própria Arquidiocese produziu em 2013⁷ sobre o perfil dos leigos na Igreja, mas sem nenhuma ênfase ou apresentação deste perfil ou público que cada vez mais tem ocupado espaços importantes e de direção nas comunidades paroquiais como eles mesmos afirmaram nas entrevistas. Interessante que esse documento foi produzido por uma conjunta de leigos que abordaram diretrizes tanto da própria Igreja como anseios dos próprios leigos, mas a questão gay não foi abordada em

⁷ O perfil do laicato na Igreja e proposições para a Arquidiocese (2013, Comissão Arquidiocesana de Pastoral para o laicato (Arquidiocese de Olinda e Recife).

nenhum de seus pontos. Na realidade isso não se torna uma novidade, o que se torna evidente é que esse perfil sempre foi negligenciado formalmente tanto pela hierarquia como pelos próprios leigos em sua grande maioria.

Após este preâmbulo vamos tecer nossas reflexões do ponto de vista antropológico sobre esse perfil que nossa pesquisa tenta não apenas desvelar, mas trazer as questões que permeiam uma subjetividade prática desses indivíduos que nos propusemos a buscar entender. Para esta discussão apresentamos as falas de nossos interlocutores no intuito de fazer um exercício etnográfico que parte inicialmente das próprias vivências e experiências dos mesmos. Interessante que todos os nossos interlocutores afirmam que seu ofício de decorador nasceu a partir de sua vivência na igreja e que os mesmos serviços são diferenciados por ser “feito por amor”. Essa afirmativa está sempre presente como parâmetro que os diferenciam

Não sou mercenário, não faço só por dinheiro, sei da minha mão de obra, mas sei das realidades daquela capela, que não é o que hoje em dia vejo dos decoradores, vejo logo o que a comunidade tem, faço por amor a Igreja, pois foi lá que aprendi. Ofereço a Deus o que dele recebi e aprendi. Não seria justo fazer na igreja toda hora por dinheiro. (Entrevista: Sebastião, junho de 2024).

Não faço por dinheiro, quase sempre saio no prejuízo, geralmente eles dizem o que tem (quantia) e faço, não consigo dar um não (...). Existe uma diferença gritante no decorador de empresas, não ligam para nada, para os altares dos santos, faz só corredor (quando é casamento), não ligam para o ambiente sagrado, fazem só por dinheiro, mal-feito, qualidade “mal feita” (Entrevista: José, julho de 2024).

Partindo dessas categorias elencadas pelos mesmos temos uma referência no que tange a justificativa do empenho feito por eles, e dos seus desdobramentos que impacta diretamente em estilo, perfil e inclusive no diferencial que os fazem atestar que só os gays conseguem fazer um trabalho tão “digno” para a Igreja. Eles afirmam ainda que “todos os gays que decoram igrejas na arquidiocese são dedicados a própria Igreja”. Destacamos o caso de Expedito que como paroquiano de sua comunidade, também é vice coordenador, ou seja, atuando diretamente nas decisões e

encaminhamentos, bem como José, ambos atestam que não conhecem homens heteros fazendo decorações em igrejas nesta região de Recife.

Me considero uma pessoa que faz mais por amor. Não me considero um profissional da decoração, me considero uma pessoa que sabe fazer. Acho que 99% são gays, não conheço nenhum que não seja, conheço casados, mas que são gays “por trás dos panos” (Entrevista: José, julho, 2024).

Se elas não fizerem, perde a dignidade, elas costumam fazer aquilo, não só por trabalho, mas por devoção. As empresas fazem padrão e os gays usam criatividade de acordo com o local (Entrevista: Expedito, julho de 2024).

Outro aspecto relevante que o campo nos possibilitou enxergar é que existe uma determinada “colegialidade” entre os decoradores. Identificamos nas falas inclusive na de Expedito que eles as vezes se tratam com o termo “elas”, ou seja, no pronome feminino, dando essa identidade “as gays”, “elas fazem”, “elas sabem fazer”, essa utilização fomenta uma colegialidade e proximidade, ao mesmo tempo uma certa disputa entre os pares. Essa para avaliar as decorações feitas pelos outros, afirmam que não se trata de uma “rivalidade”, mas de analisá-las, avaliá-las, tentar entender o contexto e como as determinadas flores foram utilizadas, estruturas de andores, cores, iluminação entre outros detalhes.

A gente já chega numa paróquia olhando a decoração do outro, o problema da região metropolitana é que é muito decorador, para pouco espaço, as vezes o dinheiro nem compensa tanto, mas para mostrar o nome, ele investe até o que não tem, dependendo da igreja famosa (Entrevista: Antônio, julho de 2024).

Nunca entrei em briga com decoradores, já falaram de mim que é normal. É normal falar, quando um arranjo está pronto, faz parte, é normal (...). Os decoradores mais pé no chão tem uma relação um com outro, os romanizados, não. São mais fechados, criticam mais e não se ajudam (Entrevista: José, julho de 2024).

A grande movimentação que este fenômeno nos apresenta permite-nos entender que existe uma complexa cadeia de relações que envolve mercado, indivíduos, perfis e a manipulação do sagrado. Quando José fala sobre os romanizados ele está citando aqueles que tem uma forte inclinação para um conservadorismo de costumes, principalmente no que diz respeito a forma como se vestem os sacerdotes, os cânticos e até o posicionamento político. Quando falo em manipulação, trago essa categoria para ilustrar o

quanto esses nossos interlocutores nos permitem perceber a projeção que é feita através do trabalho realizado para uma determinada manifestação religiosa, essa projeção está muito vinculada inclusive ao que Goffman (1985) elabora tanto sobre representação como idealização.

Quando faço um andor, altar ou arranjo vejo o povo rezar e se emocionar isso já é o maior preço, pois vejo o que planejei. Não precisa Padre, se uma senhorinha chegou a dizer parabéns, você arrasou, para mim já é o suficiente (...). Esse é o certo, é o significado é o que é para ser, levar o povo a rezar. E o ambiente fica mais harmonioso, considero meu trabalho importante pois ele dar a dignidade a festa, celebrações e decorações (Entrevista: S. José, julho 2024).

Sinto prazer quando faço um andor, não pretendo deixar, quando vejo o andor pronto como eu quero me sinto realizado, tem aqueles que o financeiro não me permite fazer o que queria, também tem a incerteza do preço das flores que alternam (Entrevista: S. Antônio, julho, 2024).

O trabalho realizado é a própria personificação da pessoa, eles não conseguem se desvencilhar dessa dinâmica em nenhum momento. Durante nossas observações etnográficas a todo instante esse grupo que acompanhamos está tratando sobre esse assunto, por mais que alguns não se considerem um profissional da decoração, não deixam de avaliar outros trabalhos, isso ocorre por meio das redes sociais que favorece tanto a divulgação que eles mesmos fazem, como também para observar o trabalho de outros, vale ressaltar que os mesmos consideram o trabalho deles “muito mais bem feito do que as mulheres”, embora muitos tenham começado a fazer esse serviço a partir da experiência e da influência de senhoras da comunidade. Nesse aspecto tanto José, Antônio e Sebastião percorreram este caminho. Diferente de Expedito que foi desenvolvendo essa função a partir de sua vivência na própria comunidade, José afirma que o gay na igreja é de fundamental importância para que estes serviços possam ocorrer da melhor forma tanto com beleza, como também com cuidado.

Se não formos nós, muita coisa não acontece. A mulher por exemplo, não tem cuidado, zelo e beleza que nós fazemos, chegamos nas comunidades que um gay toma conta é diferente da que uma mulher toma conta, a mulher é os mesmos jarrinhos, o gay busca o novo, por isso o povo de Deus busca mais a gente, por ser coisa nova e bonita (Entrevista: S. José, julho de 2024).

Quando aprofundamos o debate para uma discussão mais referente a importância deste serviço na igreja e sobre as aspirações que os decoradores buscam, geralmente alguns termos como imponência, realeza e poder aparecem em seu discurso. Interessante que mesmo com a falta de aceitação de sua sexualidade de forma integral no âmbito da religião católica, os mesmos atestam uma entrega aos ritos, a realização dos momentos sacros e os acontecimentos da vida eclesial. Neste sentido a Igreja torna-se um espaço de discrepâncias, onde a integralidade do ser não pode ser assumida, porém sua presença e desenvolvimento do mesmo depende desses interditos que conseqüentemente se aplicam a um trabalho mais direto ao que poderíamos nomear como “agentes do cenário ritualístico”⁸. Eles conseguem juntamente aos padres e outros agentes possibilitar um verdadeiro cenário favorável as emoções, sentidos e experiências com o sagrado vividas pelos devotos nestes momentos festivos e de celebrações.

A decoração é importante para manter a devoção, é o que complementa, é uma oferta que se faz ao santo, tem festa sem flores, mas não está ornada. Num andor se usa o que pode dar imponência, remeter a rainha, por exemplo, Nossa Senhora, trono de realeza, mostrar poder e realeza, mostrar a importância e poder que a Igreja tem. (Entrevista: Expedito, julho, 2024).

A homossexualidade no contexto religioso, nunca deixou de ser explorada pelas ciências sociais e humanas. Entretanto é interessante como determinados contextos fazem tratar tal assunto, um deles é o próprio âmbito católico e seus conflitos (Valle, 2006), tendo em vista os “padrões hegemônicos de masculinidade” (Natividade, 2010), uma espécie de referencial heterossexual (Valle, 2006). Isso ao longo da história forçou também por meio de um processo direto a igreja ser um espaço de refúgio, manutenção de status, sem falar em todas as outras questões que envolvem pontos referentes as influências, psicológico, identidades, gênero entre outros espaços, principalmente relacionado ou influenciadores diretos do

⁸ Tanto evocando a categoria de Goffman (1985), como tentando exemplificar a atuação dos interlocutores.

campo psicológico e da constituição da pessoa em seu meio. Por mais que a religião tenha um papel fundante na identidade de muitos indivíduos, ela se torna numa direção contrária um local favorável para que esses sejam figuras primordiais na formulação de determinados “cenários” que foi lhes atribuído ao longo do tempo por um conflito na qual sua aceitação enquanto homem gay, lhes direciona um espaço de atuação que lhes é predestinado por diversos motivos e circunstâncias nas quais eles estão inseridos.

O segredo em torno da orientação sexual origina tipos particulares de conflitos e interações, estreitando e consolidando laços específicos entre aqueles que compartilham esse segredo. Nesse panorama, ocultamento e revelação não representam uma dicotomia, mas possuem uma relação de interdependência (Natividade, 2010, p.108).

A questão da sexualidade e o espaço religioso ainda é um contexto complexo (Valle, 2006). Lidar com esse debate ao passo que move um certo grau de tabu, orienta os grupos a se filiarem a determinados locais que os assegurem “lugar de fala” e a pessoas que compartilham de suas preferências e assuntos em comuns. Basta voltar ao que nossos interlocutores nos apresentam, todos permitem que suas criações tenham o mesmo vigor do que faz uma criação artística, ou seja, ali está o próprio criador da obra, personificado no que foi produzido, por isso, eles têm sua marca registrada, hoje com o universo das redes sociais a divulgação do trabalho alcança outros ambientes. Fazer a análise de outros, desenvolver temas e buscar referências permitem que esse público se reinvente e busque ancorar suas experiências através do cenário religioso, mesmo tendo que enfrentar uma espécie de velamento de seus anseios mais urgentes. O que nos fica claro, que constantemente eles enfrentam a tensão (Natividade, 2010) por pertencerem a um espaço que oficialmente os anula, embora os líderes saibam de suas orientações sexuais, principalmente os padres, que geralmente os conhecem com mais intimidade, mesmo que no âmbito social essas relações sejam deixadas de lado e desta forma mantendo um certo resguardo.

Não é nada fácil solucionar o impasse em que se encontra a Igreja, quanto aos seus ensinamentos sobre sexualidade humana. A razão última dessa dificuldade em dialogar com as propostas culturais de hoje no campo da sexualidade talvez resida no fato de o magistério eclesiástico continuar unilateralmente heterossexuais forjado por séculos de tradição patriarcal (Valle, 2006, p. 156).

Manter-se neste espaço os possibilita uma certa “segurança” que valida sua arte, sensibilidade e necessidade dentro de uma sociedade que os excluiria demasiadamente por serem gays. O fator religioso proporciona não apenas reconhecimento, mas também um espaço que garanta que suas performances se configuram a sua própria identidade, que isso aconteça através de coisas, como a decoração, utensílios e outros objetos sacros que são utilizados nos adornamentos e nas próprias celebrações. Não é à toa que eles exijam tanto que os sacerdotes mantenham a tradição, não reconfigurem os ritos, as vestimentas e flexibilize as “liberdades” que são dadas aos mesmos para exercerem suas funções e maneiras de ornar espaços com autonomia. Em nosso trabalho etnográfico, todos tem forte interesse para que os padres não abandonem o uso de batinas e outros paramentos que a tradição católica implantou.

Sou um pouco conservador, gosto de usar materiais que remetem aos conservadores, panos, ânforas, castiçais. Dão dignidade ao que está sendo celebrado, isso mostra zelo, organização e fica bonito. As vestes dos padres eu acho que tem que ter toda dignidade para aquilo que está sendo celebrado, isso é zelo e limpeza (Entrevista: José, julho de 2024).

A fala de José, demonstra o quanto determinados paradigmas podem se interconectar, mesmo tendo suas bases distintas. Neste caso por um lado a homossexualidade não aceita oficialmente pela instituição e por outro lado os elementos desta mesma tradição que acabam se tornando mecanismos utilizados para reforçar sua atuação e segurança da manutenção dos espaços que acolhem suas representações. A categoria da representação (Goffman, 1985) na antropologia sempre teve muito a nos revelar, neste caso aqui estudado, ela posiciona a nossa leitura, os conflitos que estão em volta do “segredo” de ser gay no espaço religioso, ocupando lugar, desempenhando um serviço e mantendo uma estrutura. Esta pela

qual a própria religião se beneficia a medida que as decorações e ornamentações chegam na Igreja, viabilizam não apenas um “mercado da fé”, mas um palco para esses nossos interlocutores desempenharem um papel, produzir um cenário (Goffman, 1985) pelos quais eles são pessoas e protagonistas.

Vale destacar que para este papel ter o desempenho que é pretendido, são alocados vários elementos como a própria cosmologia, as crenças, práticas, ritos, tradições e o universo simbólico. A partir deste contexto são tecidas teias de relações que envolvem locais, pessoas distintas e grupos sociais a fim de dar sustentação a esta identidade diante da sociedade ou grupo social como é a Igreja. Um dos principais autores que trata desta discussão é Erving Goffman (1985), para o autor esta representação tem um determinado tempo que é desempenhada diante do grupo, a fim de manter uma “definição” para esses que observam. Constantemente nossos interlocutores trazem em suas falas o que suas decorações devem “representar” para os que estão no determinado evento. Neste contexto a sexualidade é anulada no âmbito social, mas evocada no fazer, ou seja, diante das afirmações dos mesmos, o ser gay é velado dentro da vida social da igreja, mas no serviço da decoração ele é mais que necessário, não se tem decoração “bem-feita” para os atos litúrgicos sem a presença destes que os próprios interlocutores se consideram e afirmam. Representar neste contexto é trazer a orientação para o serviço, sem que ela apareça no cotidiano, desta forma, ser é fazer.

Venho usando o termo representação para me referir a toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes, alguma influência(...). Há o cenário compreendendo a mobília, a decoração, a disposição física e outros elementos do pano de fundo que vão constituir o cenário e os suportes do palco para o desenrolar da ação humana executada diante, dentro e acima dele (Goffman, 1985, p. 29).

A reflexão de Goffman (1985) nos ajuda compreender que essas representações fazem parte de uma estratégia que nós já identificamos

acima, porém o autor clássico para as ciências sociais possibilita ancorar nosso debate ao que já veio sendo trabalhado, principalmente na antropologia como leitura dessas representações. Novas correntes, tem discutido um rompimento da perspectiva da representação, porém constatamos com nossa vivência etnográfica que ela continua a fazer total sentido, principalmente quando tratamos de ambientes religiosos e sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O universo religioso nos revela muitas coisas do ponto de vista do trabalho etnográfico e no processo de alargamento da teoria antropológica. O campo pesquisado nos demonstrou que as perspectivas em torno da religião podem ser diversas em seus sentidos e na elaboração de uma representação realizada por meio de sua liturgia e socializações que são vividas no âmbito da Igreja.

Este espaço ao mesmo tempo que exclui possibilita que indivíduos possam reconfigurar situações, protagonizar papéis que os colocam em um certo grau de importância na comunidade e ao mesmo tempo desenvolverem estratégias que viabilizem criações artísticas que ancoradas em suas emoções, vivências e afetos lhe dão uma segurança em espaço temporal.

A religião católica, principalmente no Brasil é repleta de simbologias e momentos que ao longo do tempo se associou a “identidade” principalmente nas datas comemorativas e na forma como se vivem esses momentos. A região metropolitana de Recife está repleta de eventos deste porte, desde festas, procissões e celebrações que necessitam deste público pesquisado para prepararem espaço, decorarem andores e organizarem momentos, evidente que outros locais dentro da Igreja também estão ocupados por tantas pessoas que em suas mais variadas orientações e expressões realizam atividades, estão inseridas em grupos, coordenam e estão a frente de momentos significativos da religião. Nosso esforço aqui

pretendeu apresentar uma reflexão etnográfica acerca de um fenômeno que talvez não esteja tão claro as pesquisas em religião.

Ao longo da história antropológica os fenômenos sociais sempre possibilitaram fazer leituras sobre temas e subáreas da própria antropologia. Nossos interlocutores nos abriram a oportunidade de aprofundar ainda mais nossa reflexão sobre religião, gays e a própria ritualidade católica e suas expressões, a partir do momento que nos deparamos com uma leitura mais detalhada em diálogo com a teoria e com a experiência etnográfica os dados ao passo que nos contam as histórias dos indivíduos, nos revelam um contexto e ampliam ainda mais nossos horizontes metodológicos.

Por outro lado, fomenta a ciência que se constrói na tensão e nos liminares do que se apresenta como dado e referências das próprias pessoas, por tanto, este campo nos garantiu perceber que esses interditos produzem socializações, conexões e estratégias de por meio de sua arte e performance do sagrado que não apenas os velam na identidade religiosa, mas os permitem ser e constituir um universo simbólico de expressão.

Referências Bibliográficas

GOFFMAN, Ervin. **A Representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, 10ª Ed. 2002.

GOMES, Edlaine de Campos; NATIVIDADE, Marcelo. **Para Além da Família e da Religião: Segredo e exercício da sexualidade**. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, N.26, V.2, 2006, p.41-58.

NATIVIDADE, Marcelo. **Uma Homossexualidade Santificada?** Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, N.30, V.2, 2010, p.90-121.

VALLE, Edênio. **A Igreja Católica ante a homossexualidade: Ênfases e deslocamentos de Posições.** Revista de Estudos de Religião, São Paulo N.1, 2006, p.153-185.

PEIXOTO, Maria Cristina Leite. **Igreja Católica e Homossexualidade: Conflitos e Perspectivas.** Numen: Revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v23, n.2, Julho/dezembro 2020, p.164-177.

DECORAÇÃO E IGREJA CATÓLICA: UMA ETNOGRAFIA COM GAYS DECORADORES EM RECIFE

RESUMO

O presente trabalho tem como foco uma abordagem etnográfica com homens gays que realizam decorações na Igreja Católica, mais especificamente em paróquias da Região Metropolitana de Recife. O campo religioso de pesquisa sempre proporciona leituras e o conhecimento de diversos fenômenos sociais que através do olhar da antropologia permite que aconteça um desvelamento de tantos contextos e realidades que o catolicismo detém em seu interior. Este estudo nasce a partir de uma vivência com decoradores que por meio de um velamento de sua sexualidade desenvolvem uma atividade que se mescla entre um serviço de cunho profissional e uma atividade religiosa que os possibilita expressarem aptidões, estética e conexões sociais que lhes são importantes como estratégia de participação e vivência na religião.

Palavras-Chave: Catolicismo; Decoradores; Etnografia; Gays.

**DECORATION AND THE CATHOLIC CHURCH: AN ETHNOGRAPHY WITH GAY
DECORATORS IN RECIFE**

ABSTRACT

This work focuses on an ethnographic approach with gay men who carry out decorations in the Catholic Church, more specifically in parishes in the Metropolitan Region of Recife. The religious field of research always provides readings and knowledge of various social phenomena that, through the lens of anthropology, allow for the unveiling of so many contexts and realities that Catholicism holds within. This study arises from an experience with decorators who, through veiling their sexuality, develop an activity that mixes between a professional service and a religious activity that allows them to express skills, aesthetics and social connections that are important to them as strategy of participation and experience in religion.

Keywords: Catholicism; Decorators; Ethnography; Gays.

**DECORACIÓN E IGLESIA CATÓLICA: UNA ETNOGRAFÍA CON DECORADORES
GAY EN RECIFE**

RESUMEN

Este trabajo se centra en un abordaje etnográfico con hombres homosexuales que realizan condecoraciones en la Iglesia católica, más específicamente en parroquias de la Región Metropolitana de Recife. El campo de investigación religioso siempre proporciona lecturas y conocimiento de diversos fenómenos sociales que, a través de la lente de la antropología, permiten develar tantos contextos y realidades que encierra el catolicismo. Este estudio surge de una experiencia con decoradoras quienes, a través del velo de su sexualidad, desarrollan una actividad que combina un servicio profesional y una actividad religiosa que les permite expresar habilidades, estéticas y conexiones sociales que les son importantes como estrategia de participación y experiencia en religión.

Palabras clave: catolicismo; Decoradores; Etnografía; Gays.